KLEBER DANYLO MENDES DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.53-56>

Astronauta!

Meu primeiro sonho de infância era ser um astronauta, uma missão quase que impossível para quem nasceu preto, pobre e no Brasil. Imaginar as estrelas e a imensidão do universo sempre foi algo que me despertou muita curiosidade, e já que olhar o céu é olhar para o passado, resolvi falar do meu passado. Bem, além do meu fascínio pelo céu, duas coisas sempre foram constantes em minha vida, a música e a tecnologia. Eu tinha 14 anos quando eu fui chamado a partir de um sorteio para conhecer uma escola chamada SAGA, uma escola muito famosa na área de designer gráfico e games. Fui visitar essa escola com a minha mãe, e chegando, lá o rapaz nos apresentou e falou o valor da mensalidade; minha mãe quase que caía para trás, pois minha mãe, nessa época, trabalhava em um hospital na parte de serviços gerais e meu pai era pintor. Eu, indignado, engoli o choro até em casa e falei para minha mãe que estava tudo bem. Quando eu cheguei em casa, deitei na minha cama, me enrolei no lençol e chorei a noite inteira.

Depois, com 16 anos, fui fazer uma entrevista para o programa de jovem aprendiz, e minha mãe, como sempre, estava lá comigo. Chegando lá, fiz uma prova e o entrevistador me falou que eu não passei no teste. Eu estava sentado numa cadeira e minha mãe em outra do lado; minhas lágrimas ao receber a notícia caíam numa folha

de papel que segurava como uma pedra. Era como se eu não tivesse o controle, e foi o momento que eu me senti mais burro na minha vida.

No terceiro ano do Ensino Médio, pedi para os meus pais para que pagassem um cursinho para mim, e o mais baratinho da cidade era 100 reais. Todos os dias o meu pai brigava com a minha mãe falando que eu não iria passar e que só estava queimando dinheiro comigo, e realmente eu não passei. Porém, eu nunca desisti, e no ano seguinte eu consegui uma bolsa em outro cursinho que era um pouco melhor que o anterior. Era uma bolsa como monitor para conseguir dinheiro para passagem e alimentação. Eu vendia coxinhas e brigadeiro no ônibus quando ia e lá no cursinho para os alunos. No meio do ano eu consegui passar para um curso técnico no IFPE - Instituto Federal de Pernambuco, mas ainda não era o que eu queria. Certo dia, nesse cursinho que eu era monitor, um professor chegou para mim e falou que o meu cabelo era de poodle. Sim, poodle, aquele cachorrinho. Eu nunca mais esqueço disso, pois aquilo me provocou uma ferida tão grande que até hoje ainda não superei.

Eu nunca mais apareci novamente naquele cursinho, simplesmente bloqueei todos. Mas eu precisava de algum lugar para me desenvolver, foi quando conheci os pré-vestibulares gratuitos da UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. O VS - Vestibular Solidário foi um local que me acolheu e me ensinou muita coisa, e como resultado, consegui passar para dois cursos superiores: Medicina Veterinária e Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Chegando no curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, tive contato com a cadeira de empreendedorismo com professor Erick Viana, que foi como um pai para mim. Todos os debates eram empolgantes, e nas aulas sempre sentia que havia algo mais para aprender. Não demorou muito para que eu me aproximasse do Programa Internacional Despertando Vocações (PDV), que conheci através do I9, onde haviam vários minicursos. Eu senti que precisava somar e aprender com as pessoas que realizavam o PDV, pois eram alunos que nem eu. A possibilidade de realizar uma internacionalização sempre me atraiu; escutei vários relatos de alunos ex-participantes e participantes do programa de como eles conseguiram ter essa experiência.

Nisso, recebi um convite para desenvolver um trabalho de pibic a respeito do empreendedorismo. Eu nunca havia realizado um trabalho científico, nem sabia como fazer. No desenvolvimento deste trabalho, entendi o real tamanho do Instituto Internacional Despertando Vocações e como ele surgiu, e que não era apenas uma coisa local do Instituto Federal de Pernambuco campus Recife. Era muito maior do que eu poderia imaginar, era uma rede de cooperação entre alunos e professores, que buscavam o conhecimento e a oportunidade.

Dentro do IIDV, me desenvolvi e realizei vários Networks, como professora Simone, que foi minha orientadora no segundo trabalho científico que desenvolvi e o meu grande amigo Guilherme, que me quebrou vários galhos e me ajudou a publicar artigos e ir ao Cointer apresentar comigo. Também passei várias noites sem dormir em reuniões para solução de problemas com meu colega de turma Samuel, que também faz parte do Instituto. Era trabalhoso, mas divertido; tínhamos contato com coisas que a gente não via no curso ou que até via, mas não aplicava, e no PDV podíamos aplicar os conhecimentos.

Ser empreendedor não é uma tarefa muito fácil, pois exige autonomia, resiliência, paciência, uma boa ideia, pessoas para te ajudarem, dinheiro, sorte e várias outras coisas. Eu consegui pelo menos ter um desses atributos, que foi autonomia, que eu desenvolvi e aprendi no IIDV. Abrir uma microempresa junto com a minha irmã no ano de 2020, aproveitando uma oportunidade que surgiu para trabalhar como designer nas eleições. Abrimos a Afro Produtora, e nossa intenção é atender uma demanda digital de criação de conteúdo audiovisual, e no futuro criação de sites e sistemas.

Meus planos do momento são conseguir uma internacionalização para ampliar meus horizontes e concorrer às melhores vagas de trabalho ou conseguir desenvolver ainda mais essa microempresa com a minha irmã. Não são tarefas muito fáceis, mas eu sei que eu sempre vou poder contar com os companheiros que conheci ao longo da minha jornada Instituto Internacional Despertando Vocações.

Fiquei com a minha paixão pela tecnologia, que agora já é uma relação de amor e ódio, e creio que todo programador tenha um pouco dessa relação. Meu segundo refúgio é a música e a poesia, então irei finalizar com uma poesia.

Habito uma pele que descascar, descascar e arrebatada.

A pele em que habito descascar, descascar e arrebatada.

Meus ancestrais não foram descascados nem Arrebatados

Mas foram lapidados sem direito a lápide nem à memória.

Na efemeridade da vida Negra a alma não habita

E vadiagem era sinônimo crime.

Mas em verdade vos digo

Sincretismo, catolicismo e capitalismo querem pintar eu,

Você, Jesus e orixás de branco.

Até quando 80 tiros vão ser engano?

Reparação histórica tá que nem caviar

Nunca vi nem comi, eu só ouço falar.

Tá mais fácil ir para o orum perguntar para oxalá

Se um dia esse sofrimento acaba, será?

Uma negra e uma criança nos braços solitários na floresta de concreto e aço

O elevador é quase um templo exemplo pra minar meu sono.

Do alto da torre Miguel caiu, mais uma vítima do racismo.

E eu sobrevivo.